Brinquedo Antigo

TIÃO MARTINS

Uma vez repórter, sempre repórter.

Quando me contaram que a Fernandinha Torres está chegando aos 40 anos, bateu a velha curiosidade.

Alguma coisa deve estar se passando na cabeça dessas mulheres maravilhosas, que chegam tão lindas e criativas aos 40 ou aos 50.

Fernanda, atriz consagrada, já fez de tudo no cinema, no palco e na TV, mas olha para o futuro como se estivesse começando agora.

E as outras, que não têm a mesma fama, estarão escondidas na sua toca, com medo de envelhecer?

Ou será que também enfrentam a vida com tanto desassombro quanto a filha da Fernanda Montenegro?

Como sempre achei que envelhecer bem é uma arte que ninguém ensina, saí por aí fazendo perguntas indiscretas a amigas e desconhecidas, e agora lhes ofereço um pouco dessa colheita.

De modo geral, todas concordam com Fernandinha: a velhice está tão longe delas que ainda nem dá para falar sobre o assunto.

Até lá, querem voar, viver intensamente, namorar, sentir muito prazer.

E, quando a velhice chegar, que chegue sem traumas e tristezas.

Em resumo, querem envelhecer bem. Para início de conversa, nada de angústia, depressão ou problemas graves de saúde.

É por isso que se cuidam tanto, fazem ginástica, massagens, yoga e vão ao médico duas vezes por ano. Algumas, falando bem baixinho, confessaram até que já freqüentam prematuramente um geriatra. Sem preconceito.

Perder o pique, nunca.

Muitas se sentem realizadas profissionalmente, mas no campo afetivo as coisas nem sempre foram tão bem: passaram por um ou dois divórcios e viveram amores breves e rompimentos frios.

Será que não acreditam mais no amor?

- No amor sim. Nos homens ficou muito difícil acreditar - uma delas admitiu.

Os homens da mesma idade ainda agem como adolescentes, correm atrás de mocinhas e fogem de qualquer relação mais duradoura.

Além disso, temem o sucesso profissional que elas alcançaram e percebem que a maturidade tornou-as mais exigentes, seletivas e, às vezes, muito impacientes com a infantilidade masculina.

- É inacreditável como certos homens, aos 40 ou 50 anos, ainda pensam e agem como se tivessem 20 - desabafa uma empresária.

E, se for para viver com alguém assim, ela prefere o modelo original, que ainda oferece algumas surpresas, em vez de perder tempo com produtos dos anos 50 ou 60, que conhece bem e não aprecia.

As que experimentaram os modelos mais novos queixam-se de que são muito velozes. A viagem nem começou direito e eles já estão na reta de chegada. Mas, mesmo assim, a emoção compensa, elas garantem.

Por tudo isso, muitas (talvez a maioria) vivem e se sentem sozinhas.

No horizonte longínquo, a menopausa, o envelhecimento da pele e a perda gradual da memória são ameaças de tempestade, mas nem por isso se deixam abater.

- Até lá, quero curtir tudo de bom que a maturidade me oferece, com ou sem um homem na minha vida - conta uma advogada que se divorciou muito cedo.

Uma viagem à Europa, livre de preocupações, vale mais do que passar meses de tensão, saindo com um cara que nunca acende o seu cigarro, não abre a porta do automóvel e ainda tem crises de ciúme.

E ela concluí o seu diagnóstico:

- Vocês estão cada vez mais chatos, sabia? E traíras.

São essas, meu amigo, as novas e lindas mulheres que estão soltas por aí.

Pouco importa que sejam solteiras, casadas, divorciadas ou viúvas. O certo é que andam perdendo o interesse por nós.

Se não acordarmos a tempo, vamos virar um brinquedo antigo, que já perdeu a graça e nem deixou boas lembranças.

O jornalista e escritor Tião Martins escreve neste espaço de segunda a sábado, e aos domingos, no caderno Plural
E-mail: [illegible]@hotmail.com

O SAMBISTA carioca dividirá o palco do Lapa Multshow com o Copo Lagoinha

MÚSICA

Nelson Sargento lança livro e se apresenta em BH

SHOWS

A noite será de samba em comemoração aos 81 anos do compositor e intérprete Nelson Sargento. O sambista carioca dividirá o palco do Lapa Multshow com o grupo mineiro Copo Lagoinha. Agenor de Oliveira, respeitado nas rodas de samba do Rio de Janeiro, fará uma participação especial no show e o DJ Fernando completa a programação.

Parceiro de Cartola, Carlos Cachaça, Darcy da Mangueira e Daniel Gonzaga, Nelson Sargento é autor de mais de 400 músicas, entre as pérolas "Agoniza, mas não morre", "Não diga a ela minha residência" e "Jamais pensei", que estarão no repertório do show.

Mas nem só de música vive esse artista, que já atuou no cinema e na televisão, participou de exposições de quadros e aproveita a vinda a Belo Horizonte para lançar o livro de poesias "Pensamentos" (Editora Olho do Tempo) - assina também "Prisioneiro do Mundo" e "Um Certo Geraldo Pereira". O lançamento é hoje, às 18 horas, na Livraria Travessa (Rua Pernambuco, 1.206, Savassi - Fone: 3223-8092).

Em estúdio para gravar o segundo disco, o Copo Lagoinha está há dez anos na estrada e já se apresentou ao lado de Nelson Sargento outras cinco vezes - duas no Lapa Multshow. Formado por Mauro Ramos (voz), Agostinho Paolucci (violão de 7 cordas), Dudu Braga (cavaco), Rogério San (percussão) e Aleixo (surdo), o grupo mineiro apresenta um repertório representativo das mais diversas variações do samba: o samba mixado de Sinhô, o samba exaltação de Ary Barroso, o samba sincopado de Geraldo Pereira, o samba de breque de Moreira da Silva, o samba-canção de Cartola e o samba-enredo das escolas.

Copo Lagoinha convida Nelson Sargento - Show de comemoração dos 81 anos de Nelson Sargento. Participação especial de Agenor de Oliveira e DJ Fernando. Lapa Multshow (Rua Álvares Maciel, 312, Santa Efigênia - Fone: 3241-2074). Hoje, às 22 horas. Entrada: R$ 20. Valor referente a meia-entrada válida para estudantes credenciados, menores de 21 anos, maiores de 60 anos e pessoas que doarem 1 kg de alimento não perecível na entrada do show

O pescador de pérolas e a hiena

MARIA CÉLIA FERRAREZ

Eu não nasci ferida. Nos primeiros anos, elas foram se instalando, na medida em que ia descobrindo que o homem mata por nada. Tornou-se minha a tristeza de duas meninas que moravam na casa com fachada de azulejos portugueses: o que lhes restava da mãe e de um suposto amante eram fotografias nas lápides; o pai em uma imagem distante refletida entre as grades de uma cela.

Do meu tio Juca eu nada sei. Não sei se engolia sapos ou se cuspia marimbondos. Se ele revidou ofensas quando cobrado por ter sido relapso ao deixar um de seus bois entrar em um vasto pasto e comer o mínimo de seu abundante capim. Sei, no entanto, das conseqüências do ódio acumulado nos dedos de quem apertou o gatilho, do outro lado da cerca.

Com a nossa mudança para uma outra cidade, meu pai acolheu um dos filhos do tio Juca. Esperava, assim, evitar outra desgraça. Mas o passarinho criou asas. De vez em quando, ele retornava à nossa casa e ao lugar em que nascemos, voando de automóvel, com um jeito alegre e destemido que era só seu. Por lá, diziam que as moças só tinham olhos para ele e que os rapazes sentavam-se à sua mesa para ouvir suas fanfarronices. Dois de nossos primos, que desejavam, mas não recebiam os olhares ardentes

sares ou não tinham coragem para alçar vôo, tornaram-se caçadores. Abateram-no com tiros de espingardas.

Quanto ao Sílvio, o vi apenas uma vez, inerte no caixão. Abri os olhos devagarzinho, temendo que aquela imagem infeliz viesse a se juntar a tantas outras. Na rua, defronte à sua rica casa, a curiosidade séria de homens e mulheres em vigília se contrastava com a alegria das meninas, que corriam livres de um lado ao outro comemorando um dos raros dias em que atravessariam a madrugada fora da cama.

Por vários anos, quis que o tempo voltasse. Queria estar ao lado do meu amigo Ubirajara e arrancá-lo de sua longa travessia pela escuridão de um beco que, às vezes, poderia ter uma saída. Imaginava quantas noites ele, assim como o Sílvio, encarou a arma antes de levá-la à cabeça e deixar que sua alma tombasse no abismo. Se essas armas ali não estivessem, dariam uma chance a um novo dia?

Certo dia, comentei com um amigo sobre o filho de outro que, aos treze anos, já se sentia homem e gostava de se exibir com uma arma na mão. Numa dessas demonstrações, naquilo que ele entendia como poder, a arma disparou um tiro certeiro no coração. Por ironia, esse amigo contou-me que assim também perdeu o seu único filho.

A raiva dos que se vêem sem perspectiva foi se dissolvendo aos poucos, em meu irmão. Nele, acompanhamos e incentivamos o esforço daqueles que procuram uma saída. Era de se emocionar ver o seu tronco machucado se recuperar, na medida em que se empenhava no preparo de iguarias. Assim, com a chegada da quarta estação, Toninho tornara-se uma árvore de galhos fortes e frondosos, e nossa família festejava

haverá de entender o porquê de alguns seres partirem após o primeiro acasalamento, ou que uma árvore seja atingida por um machado após uma tímida florada?

Meu irmão não era fanfarrão, destemido somente no acrescentar. Não via na faca qualquer outra utilidade além daquela essencial para a sua arte. Ninguém testemunhou o que lhe aconteceu na noite em que foi abordado por adolescentes. Assustados, não levaram o dinheiro como pagamento das balas que deixaram alojadas em sua barriga. Antônio, mesmo que portasse uma arma, jamais apertaria o gatilho.

Um dia, por inocência, me emocionei com o protagonista de Ben-Hur. Fora das telas, ele se revelou um veemente defensor da comercialização de armas. Por outro lado, também não posso acreditar que, para sustar a insanidade de covardes que ameaçam nossas vidas em condições desiguais, o governo deixe ao cidadão comum o poder semelhante ao de Mandrake, que ficticiamente desarma ameaças com passes de mágica.

Nos dias que se seguem, antes do referendo, sou mais uma cidadã que reflete sobre os prós e os contras de ambos os lados, mesmo que, por princípio, tal decisão já esteja tomada. Mas há contradições entre a razão e o coração. Por um lado, se o coração mergulha esperançoso na imensidão da utopia, por outro me deparo com uma hiena fiel aos seus instintos, que vaga solitária pelo deserto da descrença que me toma pelo Estado. E assim me deparo com aquilo que me parece o mais pútrido do ser humano: a raiva descontrolada e a total desvalorização da vida do outro, em todos os sentidos.

Maria Célia Ferrarez escreve neste espaço quinzenalmente
E-mail:

Música em Ouro Branco

Prossegue até o dia 15 a 2ª Semana da Música de Ouro Branco. A abertura, hoje, acontece às 20h30, na Matriz de Santo Antônio. Sob a regência de Charles Roussin, a Orquestra de Câmara da cidade apresenta obras de Calimério Soares, Carlos Alberto Pinto Fonseca, Ernani Aguiar, Oiliam Lanna e Ronaldo Cadeu.

Já amanhã, no mesmo horário e local, apresenta-se o pianista André Dolabella. No domingo, também às 20h30, na Matriz, apresenta-se o duo de oboé e piano Alex Klein e Viviane Tallberti. A programação tem sequência na segunda, com trio de violino, violoncelo e piano (Daniel Guedes, Zygmunt Kubala e Flávio Augusto), no mesmo horário e local. Na terça, a Orquestra da Semana da Música, tendo como solistas Daniel Guedes (violino) e Zygmunt Kubala (violoncelo), terá mais uma vez a Matriz como palco, às 20h30.

Na quarta, o evento se desloca para a Capela do Hotel Fazenda Pé do Morro. Às 18h30, haverá um concerto de violão com Tianju Arsnovich. Às 20h30, um duo de violoncelo e contrabaixo (Matias Oliveira e Sérgio de Oliveira) e um quarteto com flauta. Na quinta, o violonista Fábio Zanon realiza concerto às 20h30, na Matriz, local que na sexta abriga árias e cenas de ópera sob coordenação de Rio Novello e Neyde Thomas. Finalmente, no sábado, o encerramento, na Matriz, às 20h30, traz a Orquestra da Semana da Música A, tendo Alex Klein (oboé), Viviane Tallberti (piano) e Matias Oliveira (violoncelo) como solistas. Informações: www.casadamusica.uaivip.com.br

O ESPETÁCULO será apresentado de hoje a domingo em BH

Clara Nunes é homenageada

Depois de cumprir temporada de sucesso no Rio de Janeiro, o espetáculo cênico-musical "Clara" chega a Belo Horizonte, com apresentações de hoje a domingo no Teatro Alterosa. São dezoito artistas em cena, mostrando passagens da vida de Clara Nunes, uma das maiores cantoras brasileiras, morta em 1983, em decorrência de choque anafilático durante uma operação de varizes.

O texto é baseado nos depoimentos da cantora para a imprensa, e as canções que integram o repertório evidenciam o legado da excepcional intérprete. Não ficam de fora músicas emblemáticas como "O Mar Serenou", "A Noite do Meu Bem" e "Conto de Areia".

A missão de encarnar Clara Nunes em cena foi assumida por Nalanda e Alessandra Garcia. Nalanda vive a faceta mais conhecida, a Clara arrebatadora dos palcos. Finalista da 1ª edição do programa "Fama", da Rede Globo, ela impressiona pelo vigor que imprime a clássicos como "É Baiana", "Menino Deus" e "Morena de Angola". Alessandra interpreta alguns dos momentos marcantes da vida de Clara, revelando ao público o modo de pensar da Guerreira.

No elenco, além das duas "Claras", estão os atores Thiago Fonseca e Marcelo Nogueira interpretando as diversas personalidades que participaram e tiveram influência na vida da cantora. No palco, atores encarnam jornalistas, produtores musicais e importantes personagens na vida de Clara, como o seresteiro Mané Serrador (pai de Clara) e o poeta e compositor Paulo César Pinheiro (marido).

"Clara" já foi visto por quase 40 mil pessoas em um total de 121 sessões, em nove meses. Já foi apresentado vários espaços culturais, como o Centro Cultural dos Correios, Teatro João Caetano, Teatro Miguel Falabella, Teatro Ziembinski e Garden Hall.

"Clara" - Espetáculo cênico-musical em homenagem a Clara Nunes. Informações no Programe-se

---

LEIA MAIS

No musical "Clara", desfile atores e dançarinos homenageiam a cantora mineira Clara Nunes. PÁGINA 8

Na peça "Mulheres por um Fio", de hoje a domingo, Christiane Torloni interpreta três personagens. PÁGINA 3

Entre as estrelas no cinema, "Wallace e Gromit: A Batalha dos Vegetais" antecipa o Dia da Criança. PÁGINA 7

CINEMA Começa amanhã, em Ouro Preto, programa que promove o intercâmbio audiovisual internacional

O MUNDO EM MINAS

NEOZELANDÊS TIPO EXPORTAÇÃO: "Mr. Wrong", de Gaylene Preston, e "A Small Life Plus Generation", de Michael Heath

MARIA TERESA LEAL
REPÓRTER

Ouro Preto será o cenário da "Imagem dos Povos - Mostra Internacional Audiovisual de Ouro Preto", a partir de amanhã e até 2 de novembro. O anúncio foi feito, ontem, pela Secretaria de Estado da Cultura, Eleonora Santa Rosa, no Palacete Dantas, ao lado do prefeito da cidade histórica, Angelo Oswaldo, e de Celina Albano, ex-secretária municipal de Cultura, atualmente sua assessora. "Temos na mesa três autoridades na área da Cultura, o que confere um peso ainda maior a este lançamento", discursou Eleonora.

A proposta é tornar Ouro Preto, anualmente, um centro de exibição, capacitação, troca de experiências e discussão das formas contemporâneas de criação e distribuição de produções audiovisuais de um Estado brasileiro e um país. Nesta primeira edição, será feita a conexão entre Minas Gerais e a Nova Zelândia. Em 2006, serão as produções do Rio Grande do Sul e da Índia; em 2007, Pernambuco e China.

Tâmara Braga, idealizadora do projeto - ao lado do ator Adyr Assumpção, seu sócio na T'al Criação e Produção - e munida de larga experiência como exibidora (foi ela quem criou o formato Cinemas Liberdade), percebeu que havia um gargalo no setor. Ou seja, eram escassos os espaços alternativos de exibição e troca de experiências entre realizadores, técnicos e demais profissionais do ramo.

Animada, Tâmara informa que a programação será aberta, amanhã, com a Oficina de Formação e Aperfeiçoamento em Audiovisual, direcionada aos profissionais das TVs comunitárias e educativas do interior do Estado. O jornalista Kiko Ferreira, coordenador da oficina, avisa que dará ênfase à prática.

Completam a programação o Seminário, com curadoria de Gabriel Priolli e a Mostra Internacional de Audiovisual (cinema, vídeo e TV), programadas para o período de 27 de outubro a 2 de novembro, em três salas de exibição localizadas no Parque Metalúrgico/Centro de Convenções de Ouro Preto.

Ao todo serão exibidos 85 filmes, vídeos e programas de TV. Tâmara justifica a escolha da Nova Zelândia, como contraponto internacional, por ser um país que despontou no cenário internacional nos últimos anos, com filmes como "O Senhor dos Anéis", de Peter Jackson; "O Piano", de Jane Campion, e "A Encantadora de Baleias", de Niki Caro.

Do chamado Programa 1, constam sete longas-metragens neozelandeses inéditos, com destaques para "Kaikohe Demolition", do cineasta "revelação" Florian Habicht, além de "In My Father's Den", de Brad Mcgann e "River Queen", de Vicente Ward. No Programa 2 está uma retrospectiva histórica do cinema neozelandês, com longas-metragens exibidos no formato digital, vídeo ou 35mm. Para a Mostra de Filmes Mineiros, os curadores Rafael Conde (cineasta) e Eduardo de Jesus (videoartista e professor) fizeram um recorte a partir de "Cabaret Mineiro", de Carlos Prates. Destacam-se ainda os longas-metragens "Enredando Pessoas", de Éder Santos; "Alma do Osso", de Cao Guimarães, e "Samba-Canção", do próprio Rafael Conde.

Toda a programação será gratuita.

Leia mais sobre cinema, salas e horários de exibição dos filmes em cartaz, nas páginas 4 e 7